

LICEU CORAÇÃO DE JESUS

Largo C. de Jesus, 154

01215 São Paulo SP

Brasil



COADJUTOR JOSÉ CALVI

São Paulo, 31 de maio de 1973.

Queridos irmãos em Dom Bosco,

Saudações em Cristo!

Pela terceira vez neste ano tenho a tristeza e o dever de comunicar-lhes o falecimento de mais um salesiano desta comunidade, nosso caríssimo irmão COADJUTOR JOSÉ CALVI.

Fazia um mês justo que, por ordem médica, tivéramos de internar o bom irmão para uma possível intervenção cirúrgica de referência urológica. As condições físicas, especialmente a debilidade do coração, não lhe permitiam uma operação imediata. Foi-lhe dado um esmerado tratamento a fim de poder operá-lo com toda a segurança. Assim, no dia 18 de maio, foi submetido à operação. Tudo correu muito bem e a convalescência parecia normal, com satisfação de todos, inclusive do enfermo. Dia 20, domingo, subitamente o irmão que lhe fazia companhia, percebeu logo pela manhã, que seu estado já não andava tão bem como no dia anterior. A gravidade do mal se acelerou de tal maneira que, ao cabo de uma hora, nosso irmão já passava à eternidade. Entregou a sua bela alma às 9:20 horas do dia 20 de maio, tendo 92 anos, 7 meses e 20 dias.

Nosso irmão José Calvi nasceu em Moio De'Calvi — Bérgamo — Itália, no dia 1.º de setembro de 1881. A família era de intensa vivência cristã e soube desde os primeiros anos infundir nos filhos um profundo sentido de amor a Deus. Nesta atmosfera de trabalho e oração, o jovem José Calvi começou a sentir o desejo de servir a Deus de maneira mais concreta. Com 14 anos, partiu para Marselha, França, onde morava um seu tio, para de lá tentar entrar na célebre cartuxa de Grenoble. Não tinha, porém, a idade suficiente. Forçoso era esperar na casa do seu amado tio que lhe queria tanto quanto a um filho. Em 1897, teve de abandonar a França, sorte que coube a todos os italianos residentes naquele país, em razão do assassinato do então presidente francês Sady Carnot. Atravessando os Alpes, foi bater às portas do Oratório de São Francisco de Sales, de Turim. Pedia asilo. Foi atendido. Cativou-lhe logo a maneira de vida alegre e laboriosa dos Salesianos e manifestou o desejo de aí permanecer indefinidamente. Foi-lhe aceito o pedido. Como porteiro do Oratório, ao lado de grande coadjutor Marcelo Rossi, brotou nele o desejo de ser salesiano. Dom Rua, de quem era porteiro particular e que gostava de chamar o nosso José Calvi com o termo piemontês de “masná”, ouvindo-o e conhecendo-o, atendeu prontamente o seu pedido. Mandou-o logo como aspirante juntamente com mais quatro companheiros para Valsálice (1898). No ano de 1900, no mês de outubro, iniciava o noviciado. No dia 10 de outubro de 1901, em Ivrea, nas mãos do hoje Bem-aventurado Pe. Miguel Rua, fazia a primeira profissão. Por causa do serviço militar e também por desejo manifestado durante o noviciado de ser missionário, em novembro do mesmo ano, veio como missionário para o Brasil em companhia do nosso 2.º Inspetor, Pe. Carlos Peretto, e do benemérito Pe. José Mássimi, seu colega de turma.

Aqui chegando, passou os primeiros meses de Brasil no Colégio São Joaquim de Lorena. Em agosto de 1902, por causa da saúde foi enviado para a casa de Cachoeira do Campo (MG), tendo a seus cuidados a dispensa e a cozinha, enfermaria, assistência dos alunos no trabalho agrícola.

Em 1908 foi encarregado de preparar a Exposição da Escola Dom Bosco, de Cachoeira do Campo, na grande exposição internacional do Rio de Janeiro, em comemoração ao centenário da abertura dos portos. Nessa exposição o Sr. Calvi mostrou todas as suas habilidades e criatividade, fazendo com que a Escola Agrícola de Cachoeira do Campo merecesse os melhores aplausos dos visitantes e alcançasse três medalhas como prêmio.

Em Cachoeira do Campo ficou o Sr. Calvi até 1920. Nesse ano o diretor do Liceu Coração de Jesus, Pe. Henrique Mourão, mais tarde bispo de Campos (Rio de Janeiro), e, depois, de Cafelândia e Lins (São Paulo), conhecendo perfeitamente o Sr. Calvi e todo o seu espírito dinâmico e criativo pediu insistentemente ao Pe. Inspetor que lho mandasse de Cachoeira do Campo, para ajudar na construção do Liceu, que se propusera terminar e, ao mesmo tempo, para ter alguém de bons olhos a manter e conservar a casa.

Para cá veio então e do Liceu Coração de Jesus nunca mais se afastou a não ser para rápidos descansos e tratamento de saúde.

Aqui foi-lhe dado o cuidado e a responsabilidade da dispensa e da administração da chácara “Chora Menino”, hoje Externato Santa Teresinha. Essa chácara recém-adquirida, graças ao trabalho do nosso saudoso irmão, tornou-se o centro

de diversões e de passeios para os alunos e o celeiro abastecedor do Liceu Coração de Jesus.

Diante de tão grande espírito de trabalho e praticidade, foi o Sr. Calvi encarregado de toda a parte material e alimentar do Liceu. A seus cuidados ficaram todos os empregados, toda a limpeza da casa e toda a alimentação.

Dos salesianos gozava a maior estima e aos empregados, soube cativar-lhes os corações. Sabia aproveitar-se disso para uni-los, instruí-los e formá-los na piedade cristã. Muitos de seus antigos empregados, graças a seus conselhos e incentivos são hoje homens altilocados nas empresas, desfrutando de bom nome e levando ótima vida cristã.

Ao lado de todo esse dinamismo, da sua jovialidade bergamasca, possuía um profundo viver cristão e mais ainda uma conduta religiosa exemplar. Sua múltipla atividade, a confiança total granjeada aos superiores não o dispensavam das práticas de piedade e de uma procura cada vez mais íntima de Deus. Levantava de madrugada para a meditação e assistência à Missa, levando sempre consigo toda a turma dos empregados, os quais diante dos seus bons exemplos e atraídos pela sua amizade, não aceitavam os deveres religiosos como imposição, mas como escola de formação para a sua futura felicidade que hoje vivem no seio da família que fundaram.

Sua devoção a Nossa Senhora Auxiliadora e a Dom Bosco era profunda. Orgulhava-se de ter podido respirar no oratório de Valdocco o ar de santidade deixado por Dom Bosco e o espírito de fidelidade ao Pai vivido pelos salesianos formados pelo próprio Santo.

Tendo sido recebido no Oratório de Turim pelo Bem-aventurado Pe. Miguel Rua e pelo mesmo admitido depois na Congregação, sempre nutriu para com ele grande veneração e devoção, aumentada depois de sua beatificação. Dele falava com muita edificação, especialmente dos anos em que teve a felicidade de servi-lo como porteiro do oratório.

Encarregado da administração material da casa, ele não descuidava dos Salesianos, especialmente dos Clérigos Assistentes. Quando podia ajudá-los não regateava medidas. Aos domingos, embora cansado, nunca deixou de estar presente no teatro para ajudar os assistentes nas galerias. Sentado no meio dos alunos, com os bolsos cheios de balas, com o sorriso nos lábios, com as piadinhas que sabia contar e atrair a atenção dos pequeninos, fazia com que a divisão não desse trabalho aos assistentes.

Apesar de gozar de ótima saúde, conservada graças a um trabalho e providências metódicas, os anos foram pesando sobre nosso irmão. Assim, em 1963, fechando-se o internato do Liceu, os superiores da casa acharam em consciência oportuno aliviá-lo de todas as preocupações materiais, dando-lhe um merecido descanso. Sentindo possuir ainda bastante energia, pediu ao Pe. Inspetor, que o mantivesse como encarregado do correio. Ao menos poderia assim fazer a sua caminhada habitual, que para ele era o biotônico e elixir de longevidade. Exerceu-o com pontualidade e maestria até os últimos dias de sua vida.

Todos os anos, no fim das férias ou início do ano letivo, passava uns quinze dias de descanso em Poços de Caldas, em casa de uns seus grandes amigos. Aproveitava também da oportunidade para um tratamento de hidroterapia nas

fontes termais daquela cidade. Como de costume, neste ano também fora passar seus dias de descanso. O médico que o tratava constatou nele certas anomalias que não soube explicar. Aconselhou que voltasse imediatamente a São Paulo.

Em aqui chegando, foi levado ao nosso grande benfeitor e amigo, Dr. Luiz Brunetti, que depois de examiná-lo minuciosamente exigiu pronto internamento no hospital onde trabalha. Queria ele pessoalmente cuidar do nosso bom velhinho, também por ter sido o Sr. Calvi grande amigo do seu saudoso pai.

Mais uma vez devemos agradecer ao Dr. Luiz Brunetti todo esse desvelo que vem tendo para com nossos irmãos salesianos. Mas com o Sr. Calvi esse cuidado foi especial, quase, diria, filial. Não poupou esforços para tentar salvá-lo. Os caminhos de Deus, porém, eram outros. Já era hora de transplantar para o Céu esse homem de Deus.

Os mesmos sentimentos vão às irmãs do Hospital São José, do Brás, por todas as atenções que tiveram para com o nosso caríssimo irmão. Não sabemos como agradecer a elas e ao Dr. Brunetti senão rezando.

Queridos irmãos, creio que mais do que rezar pela alma do Sr. José Calvi devemos pedir a Deus que a exemplo dele saibamos nós também testemunhar um verdadeiro amor a Deus, servindo-o de coração na disponibilidade total de nossa vida salesiana, como ele o serviu, na humilde alegria em servir os irmãos e na fidelidade às mais pequeninas coisas. Que ele do céu junto a Virgem Maria e seu Filho, Jesus, a quem tanto amava, saiba interceder para que na Congregação e, de maneira especial, nesta Inspetoria surjam vocações de coadjutores segundo o seu exemplo, para a glória de Deus e salvação de muitas almas.

Pedimos ainda uma vez uma prece especial por esta casa e por este que se professa afeiçoadíssimo irmão em Dom Bosco Santo,

Pe. Vitório Pavanello

Diretor

Dados para o Necrológico: — Nasceu em Moio De'Calvi — Bergamo (Itália), no dia 1.º de setembro de 1881. Fez a primeira profissão no dia 10 de outubro de 1901.

Profissão perpétua no dia 28 de janeiro de 1808.

Faleceu em São Paulo no dia 20 de maio de 1973 com 92 anos de idade e 72 de profissão religiosa.